



# Algumas palavras antes do essencial, precedidas por três citações muito a propósito (mesmo que o não pareçam)

L'objectivisme constitue le monde social comme un spectacle offert à un observateur qui prend «un point de vue» sur l'action et qui, important dans l'objet, fait comme s'il était destiné à la seule connaissance et si toutes les interactions s'y réduisaient à des échanges symboliques. Ce point de vue est celui qu'on prend à partir des positions élevées de la structure sociale d'où le monde social se donne comme une représentation – au sens de la philosophie idéaliste mais aussi de la peinture et du théâtre – et d'où les pratiques ne sont que rôles de théâtre, exécutions de partitions ou applications de plans.

PIERRE BOURDIEU, *Le sens pratique*, p. 87

La vision scolastique fait l'économie d'une interrogation méthodique sur la différence entre le point de vue théorique et le point de vue pratique, qui s'impose, en dehors de toute intention de pure spéculation, dans la conduite des opérations les plus concrètes de la recherche en sciences sociales...

PIERRE BOURDIEU, *Méditations pascaliennes*, p. 68

Jacquemort entra sans frapper. La fille, assise sur son lit, lisait un Journal de sept ans plus tôt. Les nouvelles mettaient longtemps à parvenir au village.

BORIS VIAN, *L'Arrache-coeur*, p. 118

## Tubarões, sardinhas e pargos num oceano inquieto

Em 1992, há pouco mais de dez anos, ao apresentar em público «Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz», referia-me a alguns tipos de arqueologia que floresciam no Portugal de então. Sendo uma delas a arqueologia *agit-prop* e outra a arqueologia *promenade*, esta de algum modo não sendo outra coisa senão uma versão bastante *light* da primeira. Tal como o *Campo Arqueológico de Mértola* parecia um excelente exemplo do primeiro caso, a arqueologia do IPPAR era seguramente um magnífico exemplo do segundo, uma arqueologia tão *light* que por vezes parecia levantar voo com a suave brisa de Outono.

É bom que se escreva que nenhuma antipatia particular originava então estas designações. Se o custo de Mértola nunca foi quantificado, tal como nunca o foi o da recuperação de Alcalar 7 (e que susto seria se o fosse ...), as consequências destas intervenções parecem, apesar de tudo, positivas. Alguns dos poucos investigadores associados a estes projectos não são exactamente naufragos, têm os pés bem assentes na terra, e acabaram por produzir trabalho valioso na recuperação social de um património esquecido. Quanto ao IPPAR, o drama não é o da arqueologia que produz, mas sobretudo *da que não produz*, e as escassas excepções não justificam a terrível realidade (mas quantos são os que, enroscados nas cadeias de comando como gatos gordos, alguma vez se importaram com isso?). Claro que há bons investigadores no IPPAR (conheço pessoalmente alguns e sou amigo de outros), como há maus e péssimos (e esses evito cuidadosa-

mente). Aliás, tal como nas autarquias, no IPA, em muitos outros sítios e nas próprias Universidades (essas com alguns *lac-lacs* e *palenkis* infiltrados pelas fendas do sistema e, infelizmente, impossíveis de erradicar).

Às vezes, sem querer ou de propósito, carregamos as cores, mas é preciso distinguir matices (quando existem).

Na verdade, numa certa perspectiva teórica, para a qual a reacção ao pós-modernismo nos arrasta em escusos momentos, não existe sequer uma arqueologia «universitária», uma arqueologia «administrativa» ou uma arqueologia «de empresa». O que existe, indiscutivelmente, é «boa» e «má» Arqueologia. Mas que a melhor versão se concentra preponderantemente num campo, e muito menos nos outros, de onde não está excluída, claro, essa é uma verdade difícil de esconder. E, sobretudo, difícil de aceitar por alguns. Particularmente pelos que, sabendo bem das terríveis limitações do seu «trabalho», não conseguem digerir a qualidade do esforço alheio. Qualidade incómoda, por contrastante. Logo, negada ou justificada por divergências de perfil ou favoritivismos do sistema. E se o primeiro caso é frequentemente verdadeiro, o segundo é quase sempre escandalosamente inventado e objecto de uma meticolosa manipulação, que Himmler não rejeitaria.

Assim, vemos por vezes *aparatchiks* vermelhos associados a tristes sombras do neo-liberalismo pseudo-democrático (uma associação sempre rentável) ou criaturas eticamente deficientes assumindo patéticos comportamentos de tribunos de terceira ordem (e se os de primeira são o que sabemos, estes arrepiam muito mais).

Nada disto seria verdadeiramente importante — repito muitas vezes a pragmática máxima americana «é preciso toda a espécie de gente para fazer um mundo» — se o tempo não fosse tão curto, hoje muito mais que ontem, e se os danos acumulados não estivessem já gerando um monstro mutante para o qual nenhum matador de dragões, elfo com boa pontaria ou hobbit corajoso, chegará. E, para o combater, não chegam figuras heroicizadas, é necessária também uma entidade de tutela centralizada, forte, responsável, prestigiada e disciplinadora.

Ora alguns anos atrás (Gonçalves, 1997b), a propósito do IPPAR e do IPA, então em fim de século, escrevia um texto epigrafiado com uma pequena fábula, naturalmente também de minha autoria, e que, a propósito, repito:

«Disse o tubarão à sardinha: sai das minhas águas, que não suporto peixes pequenos e azuis a comerem o mesmo que eu!»

O mesmo?, perguntou a sardinha indignada, o meu apetite é bem menor. Quanto mais não seja por uma questão de princípios, contento-me com escassa parte do que tu consumes!! — Aí está, retorquiu-lhe o tubarão. O facto de comeres pouco é um insulto a quem, para além de comer mais, tudo tem o direito de comer. Por isso, a tua própria existência é um absurdo, condenado por Darwin e por Keynes.»

(«O tubarão letrado e a sardinha imprevidente»)

E continuava: «Tubarões e sardinhas enfrentam-se hoje num mar agitado, em que pargos universitários, carapaus independentes e algumas douradas francesas navegam perturbados» (id. p. 86). O que era tristemente verdade, e não apenas uma metáfora.

Mas, sendo, infelizmente, as minhas capacidades de adivinhação limitadas pelo positivismo que me impregna desde o berço, não vislumbrava então a justeza da metáfora ictiológica, o distanciamento da corvina, a ameaça do cação ou os progressos da piranha. Nem a desarticulação suicida que conduziria, de algum modo, ao triunfo do tubarão. E à eventual destruição de trabalho importante, na sequência do desgaste originado por uma estúpida distribuição de competências e pela disputa em que inevitavelmente se envolveram os cabeças de cardume.



Hoje, outros tipos de arqueologia floresceram e uma nova ampla categoria veio juntar-se às anteriores: a *arqueologia McDonald's*, ou, numa outra variante, a *arqueologia de supermercado* (mas com horários das dez às cinco).

Estas arqueologias, aparentemente assépticas, que erradamente poderiam ser chamadas de *produto branco* (quando, na verdade, estão bem identificadas) tornaram-se inevitáveis num ambiente neo-liberal, mas alguns dos seus componentes ganharam invulgar periculosidade com o triunfar contextual de uma nova mutação indígena da ideologia neo-liberal, agora tornada selvagem. Não havendo possivelmente, na realidade actual, grandes esperanças que as coisas mudem.

Assim, para um federalista convicto, como eu, resta esperar que a União europeia tenha também consequências a nível das arqueologias, como o teve na obrigatoriedade da indicação da validade dos alimentos (e em tantas outras pequenas coisas que esquecemos facilmente, quando não pensamos que sempre existiram, mal de um povo que come demasiado queijo).

Talvez o exemplo de França, onde o Estado chamou a si o controlo da arqueologia preventiva ou de salvamento, acabe por inspirar alguém, mas o meu intrínseco cepticismo não me faz dormir melhor (o que talvez acontecesse se assim não fosse) e, sendo o nosso universo local o que é, não estou isento de dúvidas sobre a bondade da solução.

Num contexto de discussões surdas e de rumores menores, a lógica de alguns empregadores medíocres, que vendem a arqueologia por grosso e a retalho, numa perspectiva de grandes armazéns, onde tudo se salda a seu tempo, e onde a única perspectiva é vender «o produto», enriquecer e «servir o cliente», parece ter em determinados sectores quem a defenda, promova e proteja, talvez por, de uma ou outra forma, lucrar com isso.

Claro que algo tem que ser feito, e depressa, para que o descalabro se não torne irreversível, os depósitos do IPA ou os museus se não encham de centenas de milhares de peças descontextualizadas, por estudar, ou apenas sumariamente referidas em publicações eternamente preliminares, em revistas de autopropaganda comercial, vendendo margarina ou arqueologia (no contexto, tanto faz). Para que não regressemos, e por muito tempo, aos anos negros que foram os primeiros 70 do século passado.

Sendo isto o mínimo que se pode desejar, o desejo e a realidade são, como sabemos, duas coisas bem distintas e que, desgraçadamente, raramente coincidem.

## Alguns comentários a propósito disto e daquilo, com STAM-3 como pretexto...

Qualquer trabalho de Arqueologia que implique uma suficiente dose de reflexão pode trazer perspectivas que nem sempre são claramente assumidas pelos autores, ou porque as não pensaram ou por recearem assumi-las perante um dado universo crítico (o que, entre nós, não faz sentido, sendo esse universo tão restrito, palavroso e inofensivo).

Permite-se assim que bem intencionados e ingénuos leitores, ou exegetas oportunistas, vejam na aparente ausência de método uma obscura filiação em flutuantes correntes teóricas do momento, cuja construção, longe das tarefas de campo, consideradas entediadas ou menores, frequentemente lhes retirou qualquer suporte concreto.

Um dos problemas, para escolher um exemplo, não reside em terem lido Bourdieu, *mas em não terem sabido ler*. O que é deplorável não é o facto de errarem, mas o de não serem capazes de cometer os erros certos\*. Não representam, ao contrário do que julgam, o topo de um sistema medíocre, são apenas o verniz que reveste o conjunto e que o tempo se encarregará de escamar, primeiro, e remover, depois. Para dar lugar, se tudo correr pelo melhor, a fermentos indispensáveis às continuidades do devir científico, e não a vistosos adornos baratos que o sufocam à nascença.

Estou certo (e de muito poucas coisas estou) que alguns de esses bonzos, ou neo-bonzos, como muito antes de agora lhes chamei, a Atenas prefeririam Bizâncio, onde as cores das vestes eram mais garridas e carregadas de supremos e feéricos simbolismos. Ignoram Voltaire, cujo humor, se o conhecessem, reprovariam certamente, e assumem superficialmente uma cultura anglo-americana de pacotilha, que mimam em escritos sem história, onde repetem, extasiados, a teoria da última semana. São a nata poluída da tristeza nacional, agravada por suporem que a única língua culta é a dos outros (de alguns outros, mais propriamente), preferindo às ferramentas da nossa identidade a superficialidade de pensamentos traduzidos, ou, curiosamente, sobrevalorizados só por o não terem sido. Expressam a sua adesão ao que consideram o Supremo Exterior, ou julgam absorvê-lo, e assumem-no em citações que pensam estrategicamente estruturantes, de forma obsessiva. São felizmente textos que poucos lêem, que ninguém refere, onde se exprimem interpretações que os próprios autores citados cuidadosamente ignoram (o que, neste caso, é prova de bom gosto e melhor civilização).



Esta monografia, se no campo da perspectiva teórica algum mérito tiver será exactamente o mérito escondido de não ter cedido um milímetro às facilidades encantatórias do momento. Começou com duro trabalho de campo, onde tudo o que podia ser registado o foi, escrupulosamente. Continuou com trabalho de equipa (e ganhou com a excelência de quem estudou com pormenor e exactidão a antropologia, a fauna e a flora). Cresceu com a listagem alternativa das explicações possíveis e avançou uma cronologia absoluta, bem menos discutível neste contexto que noutros, em que os dados foram ingenuamente sobrevalorizados.

Aqui se analisaram, antes do restante, por um lado, artefactos, por outro, gestos (mal) fossilizados, traduzindo ambas perdas acções humanas. Não são perspectivas idênticas, na complexidade aparentemente diversa a que se referem, mas a primeira, sendo sem dúvida muito mais fácil que a segunda, está longe de ser menos importante.

Também é verdade que não fomos a Rapa Nui perguntar o que as comunidades locais fizeram, e como o fizeram, para percebermos o que, a milhares de quilómetros de distância, foi feito num Alentejo certamente muito diferente do actual. Mas usei todas as vias para recuperar o ainda recuperável e integrá-lo numa perspectiva que, sendo apenas a nossa, talvez a anos-luz do III milénio antes da nossa era, é a possível.

E se, a nível de objectos, artefactos, e fragmentos de ambos, se usou sempre um detalhe e minúcia que podem parecer excessivos, tal se deve também a parte do que estava em jogo e que era aqui muito mais diverso do que pode parecer.

Por exemplo, no caso das placas de xisto gravadas, foi minha intenção avançar desde já padrões de rigor na descrição e análise e uma relativa objectividade interpretativa, tudo sem cair na obsessão informático-estatística, neste contexto inadequada e, mesmo, ilusória ou geradora de ilusões. Como consta de um conhecido aforismo gowachin, «a objectividade pura não existe de modo nenhum». Mas é evidente que o equilíbrio entre perspectivas deve determinar os processos de aproximação a este tipo de realidade irremediavelmente mutilada.

E no caso do espólio lítico, particularmente no que se refere aos restos de talhe, a leitura minuciosa e detalhada dos atributos fez-se no pressuposto que eles seriam importantes para a sua caracterização directa e, indirectamente, pelo seu previsto uso no esclarecimento de uma situação que abordei pela primeira vez em relação a STAM-2: a dúvida sobre se os mortos depositados no monumento seriam ou não cobertos por terra proveniente do exterior. E isto ou no momento mesmo da sua deposição ou aquando da deposição de outros mortos no mesmo espaço.

Assim, nesta perspectiva, este trabalho é também um *statement* de uma entre outras formas de estudar o megalitismo e os complexos mágico-religiosos das antigas sociedades camponesas, sem receio dos comentários agressivos de conhecidos *doozers* e *bandar-log*, e esperando, com algum divertimento, porventura antecipado e injustificável, as críticas fáceis de quem supõe que os modelos teóricos não necessitam de ser testados no terreno e têm, só por si, uma validade própria.

Que a Grande Deusa dos Olhos de Sol lhes perdoe e o Oráculo lhes dê melhor conselho.

Continuo a pensar que a Arqueologia não se constrói com rótulos identificadores de escolas de pensamento, mas com pensamento original e criativo, baseado nos dados de campo, com gosto, sensibilidade e, sobretudo, bom senso. Quando me engano, peço desculpa. Se me enganei, começo outra vez.



## A anta 3 da Herdade de Santa Margarida enquanto objecto de estudo

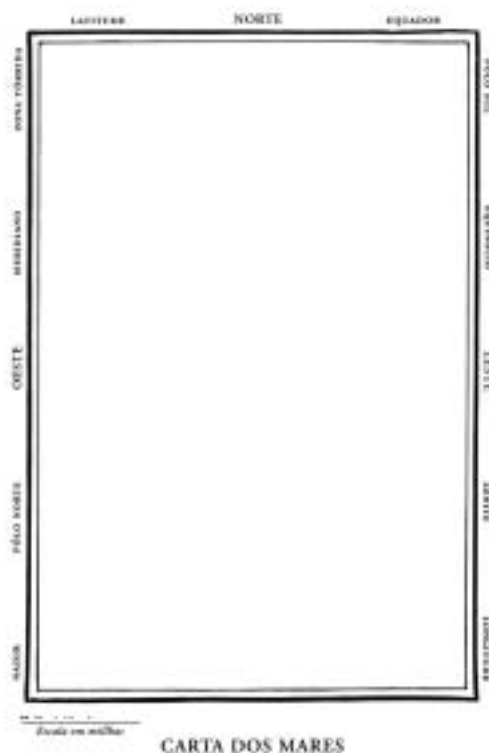
A intervenção na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida deve ler-se no conjunto das operações desencadeadas em 2000 pelo *Instituto Português de Arqueologia* para acudir a uma situação de destruição generalizada daqueles monumentos, destruição que tinha sido em parte conseguida.

Irremediavelmente destruída a anta 1, conseguiu-se impedir a total destruição da anta 2, ainda assim muito danificada, e parar a destruição da 3, sem que fosse, de início, possível uma avaliação totalmente fiável do seu verdadeiro estado.

Em 2000, e em condições por vezes penosas, devido ao estado do tempo e aos acessos completamente alagados, foi possível iniciar e concluir a escavação da anta 2 (Gonçalves, 2001a). Para o ano seguinte, foi programada a intervenção no monumento 3, justamente a que deu origem ao presente estudo. Tendo em conta a natureza das intervenções, pensou-se que seria importante divulgar rapidamente os dados conseguidos. STAM-2, escavada em 2000, foi publicada em 2001. STAM-3, escavada em 2001, teve a sua monografia praticamente pronta para edição em fins de 2002. Ainda que uma maldição informática e uma crise de obsessão perfeccionista tenham arrastado revisões e correcções até 14 de Maio de 2003 e mesmo um pouco para além...

Ambos monumentos (e STAM-1, como referência) foram ainda objecto de comunicações em sessões ocorridas em Reguengos de Monsaraz, Lisboa, Córdoba, Bougon e Nantes.

Tendo inicialmente planeado para 2001 a continuação dos trabalhos na Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (uma anta com um impressionante *tholos* anexo), visando informação acrescida sobre os complexos fenómenos que se desenrolam nas práticas funerárias das antigas sociedades camponesas na transição do IV para o III milénio, e durante o decorrer deste, encontrei em STAM-3 um objecto de *timing* não desejado, por imprevisível, a estudar aparentemente (era o que parecia) fora da linha de investigação específica que vinha perseguindo. O que, como quase todas as ideias feitas, se acabou por verificar ser totalmente errado.



STAM-3 apresentou, logo de início, um conjunto extremamente confuso de informação. Mas também forneceu, de imediato, dados fundamentais e, de algum modo, até hoje únicos, no contexto do megalitismo peninsular.

Costumo dizer aos meus alunos da Faculdade de Letras de Lisboa que o verdadeiro desafio para o conhecimento das antigas sociedades camponesas reside nos povoados, uma vez que as sepulturas são de escavação geralmente previsível, e mesmo maçadora, pela escassa diversidade da informação que contém, nos casos em que chega até nós. Mas, felizmente, falar *ex cathedra* nem sempre implica pensar da mesma maneira e a reconfortante realidade de campo ensina-nos que o que hoje parece uma certeza, amanhã poderá estar definitivamente posto de lado.

Na minha experiência pessoal, quis o acaso que as rotinas de campo e gabinete literalmente explodissem com o extraordinário complexo megalítico Olival da Pega 2, que permitiu pôr em causa e reescrever parte da história do megalitismo de fins do IV milénio e da primeira metade do III numa região específica do Alentejo.

STAM-3, artefactualmente muito mais «pobre» e menos diversificada que OP-2, traz-nos porém um acervo documental que permite colocá-la firmemente entre os monumentos de maior interesse escavados ultimamente na Europa. Pelos ritos funerários, evidentemente, mas também pela extraordinária informação antropológica que conservava, praticamente única entre nós neste tipo de monumentos ortostáticos, e pelo significado e natureza específica de alguns dos artefactos recolhidos.

Por isso, e pela excelente equipa que permitiu reunir em torno ao estudo dos seus materiais, justificou inteiramente os quase cem dias que levou a escavar e os muitos mais que a sua monografia levou a escrever.

Lisboa, 2003.04.03

---

\* Com um cumprimento ao Manual do Bu Sab...

A primeira ilustração deste texto introdutório é a de um prato de peixe grego, do século IV a.n.e., a segunda e a terceira são desenhos de H. Holiday para a “Caça ao Snark”.





# Agradecimentos

## Agradeço

### 1.

O apoio do em breve extinto *Instituto Português de Arqueologia* (desejando-lhe, *en passant*, o destino da fénix...). E uma especial referência para o então seu subdirector. Para além de se ter interessado pela intervenção de terreno, António Monge Soares leu também criticamente o capítulo sobre as datações <sup>14</sup>C, elaborou o gráfico que as acompanha e efectuou novas calibrações das datações obtidas há alguns anos para o *tholos* OP-2b. Ao CIPA, e ao seu director, José Mateus, as facilidades no uso de equipamento para fotografia em lupa binocular, no momento em que o da UNIARQ entrou em colapso irreversível. Também no IPA, António Faria, o mais irredutível dos não gauleses, responsável pela excelente secção de publicações, revelou esperada (im)paciência ao discutir comigo pormenores formais da formulação final do texto arqueológico. Questões fracturantes como «3.<sup>o</sup>» ou «III» milénio, «vírgula» ou «ponto» a separar decimais, Neolítico «final» ou Neolítico «Final», «Bibliografia» ou «Referências», contam-se entre as mais duras batalhas que, nestes campos específicos, já travei. E que, neste fundamentalista contexto editorial, várias vezes perdi. Mas antes perder pequenas batalhas que bons amigos;

### 2.

À Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz e ao seu presidente, Vítor Martelo, o apoio consubstanciado no transporte diário da equipa e as máquinas pesadas que, apesar de poucas, não foram negadas para acorrer a situações pontuais;

### 3.

À Fundação Gulbenkian, Serviço de Belas-Artes, o pequeno subsídio que nos permitiu pagar algumas aquisições de serviço;

### 4.

A Susana Pombal, uma arqueóloga do «nosso choco», a contínua disponibilidade para execução de tarefas e a meticulosidade com que as realizou, por vezes muito para além do seu horário de trabalho;

### 5.

A André Pereira, que escavou praticamente sozinho a fase mais antiga de utilização do Corredor, e a Marisa Cardoso e Marco Andrade, pelas horas que, durante a Campanha, roubaram ao sono, passando a computador as listagens de espólio, desenhando cerâmicas e efectuando distribuições espaciais dos artefactos, que muito ajudaram a consolidar no laboratório as primeiras observações de terreno. Os três desenvolveram uma intensa actividade de gabinete, particularmente a nível das cerâmicas e das placas de xisto, e Marco Andrade traçou rapidamente desenhos novos, sempre que se acendeu o alerta vermelho. Carla Matias e Catarina Alves trabalharam na reconstituição da distribuição espacial dos artefactos. Já na fase final de preparação do texto, Eva Machado colaborou no registo dos valores descritivos dos materiais arqueoló-

gicos e na sua reverificação sistemática. Também nesta derradeira fase, e até à entrega da versão final da monografia, Cátia Coelho participou nas últimas descrições de materiais e particularmente nas sessões de fotografia que produziram as imagens de artefactos e objectos que ilustram esta monografia. Acompanhou atentamente o tratamento digital de imagens e discutiu, com entusiasmo, luzes e texturas, o claro e o escuro de um estranho Inverno;

6.

A Paulo Fonseca, que, prolongando amavelmente a colaboração iniciada com STAM-2, classificou a natureza mineralógica de alguns artefactos e esclareceu dúvidas básicas, cuja complexidade para não-geólogos está no extremo oposto da sua aparente simplicidade...

7.

A António Faustino de Carvalho, que aceitou discutir comigo aspectos da tecnologia lítica, a propósito de restos de talhe e indústrias microlaminares;

8.

Ao Museu Monográfico de Odrinhas, e ao seu Director, e remoto companheiro de composição de *operas bufas* de temática arqueológica, José Cardim Ribeiro, o apoio no desenho de algumas placas de xisto, executado por Ana Isabel Neves, e ao Museu Monográfico de Conímbriga, e ao seu Director, Virgílio H. Correia, o pronto restauro de dois vasos cerâmicos;

9.

Ao CNART, e ao seu Director, António Martinho Baptista, o apoio no desenho da excepcional placa recortada J.8-667 e da placa H.8-5 e seu enigmático verso, confiado a Fernando Barbosa, que o efectuou com precisão e eficácia. Foi a partir dos seus desenhos que efectuei as desmontagens de paginação. E se erros houver neles a mim exclusivamente a responsabilidade cabe;

10.

A Ana Margarida Arruda, muito mais que um simples factor estruturante de rectguarda, cuja leitura crítica de este texto a afastou, por algum tempo, de gregos e fenícios, ainda que os primeiros já fossem, no século IV cal A.C., em cronologia «histórica» ou radiocarbónica..., bem pouco recomendáveis, e, quanto aos outros, o melhor é esquecer;

II.

A Ana Catarina Sousa, que nunca foi propriamente uma simpatizante das antas da Herdade de Santa Margarida, a disponibilidade para verificar referências bibliográficas e o apoio em *software* no tratamento informático dos dados de campo. Acolheu amavelmente no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra, perto de outros esqueletos no seu armário, o espólio antropológico que Eugénia Cunha, Ana Maria Silva e Marta Miranda estudariam. Finalmente, mesmo protestando continuamente pelos atrasos que STAM-3 implicou nos trabalhos que temos em comum em outros monumentos e sítios, nunca deixou de colaborar nas pequenas tarefas que, durante a preparação de uma monografia, e particularmente na sua fase final, degeneram frequentemente em grandes complicações.